



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CAROLINA EMANOELA SILVA DE OLIVEIRA

**A AVALIAÇÃO SOB A PERSPECTIVA LIBERTADORA FREIREANA:
POR UMA AVALIAÇÃO COMO DIÁLOGO AMOROSO**

Rio de Janeiro
2023

CAROLINA EMANOELA SILVA DE OLIVEIRA

**A AVALIAÇÃO SOB A PERSPECTIVA LIBERTADORA FREIREANA:
POR UMA AVALIAÇÃO COMO DIÁLOGO AMOROSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Baroni

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Giseli Xavier

FE/UFRJ

Prof^a Dr^a Elaine Constant

FE/UFRJ

Prof^a Dr^a Patrícia Baroni

FE/UFRJ

Rio de Janeiro, 06 de julho de 2023.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, à Bella e minha madrinha e meu avô, que não conseguiram se fazerem presentes fisicamente ao meu lado para a finalização desta etapa como estudante.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir chegar até aqui. Em seguida, aos meus pais, que tanto batalharam para me proporcionar as melhores oportunidades como pessoa, estudante e profissional. E a toda a minha família por todo o apoio e motivação.

À Bella, minha maior parceira de vida, que tanto me deu amor nos momentos mais difíceis, e assistiu até mesmo as aulas remotas ao meu lado.

Aos meus amigos que de alguma forma colaboraram para a realização dessa pesquisa e finalização desta etapa como estudante, e incentivaram a enfrentar todas as dificuldades com as quais me deparei pelo caminho. Aos meus colegas de trabalho.

A todos os professores que acreditaram em mim, do maternal ao ensino superior. Sem a participação deles em meu processo de ensino e aprendizagem, nada disso seria possível.

A minha orientadora, Patrícia Baroni, que me acolheu no percurso de escrita deste trabalho.

EPÍGRAFE

*A criança e o jovem merecem ser felizes
quando aprendem e quando são avaliados,
para o serem vida afora.*

Thereza Penna Firme

OLIVEIRA, Carolina Emanoela Silva. **A avaliação sob a perspectiva libertadora freireana: por uma avaliação como diálogo amoroso.** 2023. Monografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2023.

RESUMO

Esta monografia objetiva trazer o processo avaliativo na escola para debate, buscando compreender como este processo se dá através da ótica dos estudantes, em todo o cotidiano escolar, e questionando se a avaliação afeta diretamente na relação professor-aluno. Calcada nas teorias de Lúcia Beatriz Ressel (2018), Regilson Maciel Borges (2010), Carlos Cipriano Luckesi (2000), Inês Chagas Leitão (2013), Maria Teresa Esteban (1999) e trazendo Paulo Freire como principal referência para falar sobre o diálogo amoroso, foram elencados os principais tipos de avaliação, questionando “por quê” e “para quê” está voltado o ato de avaliar, e o que se entende por avaliação como diálogo amoroso, nesta perspectiva. Através do grupo focal, foi realizada uma roda de conversa com seis crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, onde questionou-se como esses estudantes observam o processo avaliativo dentro da instituição escolar em que se encontram. A realização da pesquisa permitiu concluir que há urgência na realização de avaliações formativas para que os estudantes possuam uma aprendizagem mais facilitada e que consigam fornecer pistas para que o professor tome as decisões mais localizadas individual e coletivamente. Além disso, é mostrada a importância de naturalizar o processo avaliativo, apontando sua presença natural em diversos âmbitos de suas vidas. Por fim, com relação a busca pelo esclarecimento no papel do professor e em como suas práticas afetam ou não na relação professor e aluno e no processo de ensino e aprendizagem, observamos que é inquestionável a confirmação que impacta em todo o cotidiano escolar, especialmente, em todo o processo avaliativo.

Palavras-chave: Avaliação. Ensino-aprendizagem. Professor. Estudante. Diálogo Amoroso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	12
2 REPERTÓRIO CONCEITUAL	14
2.1 OS TIPOS DE AVALIAÇÃO	14
2.2 POR QUE E PARA QUE AVALIAR?	16
2.3 A AVALIAÇÃO LIBERTADORA: RESIGNIFICANDO A AVALIAÇÃO NA ESCOLA.	20
3. PESQUISA DE CAMPO.....	22
3.1 A ENTRADA EM CAMPO	23
3.2 SONDAÇÃO DE CONHECIMENTO PRÉVIO DAS CRIANÇAS COM RELAÇÃO AO TEMA DA PESQUISA	25
3.3 CONHECENDO COMO SE DÁ O PROCESSO AVALIATIVO NA ESCOLA E COMO ELE AFETA NA VIDA DOS ESTUDANTES	26
3.4 A POSSIBILIDADE DE UMA NOVA ESCOLA DOS SONHOS.....	27
3.5 AVALIANDO MINHAS PRÁTICAS PESQUISADORAS.....	28
4 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO	32
CONCLUSÕES.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

Me chamo Carolina e sou estudante do curso de licenciatura de Pedagogia. Tive a oportunidade de estudar em uma escola católica, localizada no bairro onde moro. Para meus pais, esta foi a melhor escolha, visto que era considerada a melhor da região onde moramos, além de sermos uma família composta por católicos. Com isso, estar numa instituição que prezava não só pelos valores religiosos, mas também acompanhava firmemente o estudante e prezava por um ensino de qualidade, seria a melhor configuração para minha trajetória de aprendizagem.

Nessa escola as regras eram rigorosas, devido aos valores bem tradicionais que a instituição carregava consigo ao longo de sua história. A “média sete” para mim era considerada alta, e nem sempre percorri um caminho confortável para minha aprendizagem. Como todos os estudantes, não dominava todos os conteúdos e disciplinas na mesma proporção, e com isso, acabava apresentando dificuldades maiores nas consideradas ciências duras - Matemática, Química e Física.

As avaliações eram compostas, em sua maioria, por testes e provas e, a critério de alguns professores, poderiam somar a estes alguns trabalhos. Geralmente eram um teste e uma prova, que valiam nota dez. Somados, dividia-se o valor por dois, e resultava na média. Os trabalhos eram aplicados de acordo com os resultados dos alunos, para aumentar as notas.

Pude observar que alguns professores eram mais rigorosos com determinados grupos de alunos, sendo eles em sua maioria, os considerados mais agitados. Estes eram chamados à atenção com frequência e não necessariamente tiravam as maiores notas. Curiosamente, eram divididos entre os que acabavam alcançando a média e os que não alcançavam ao final dos bimestres. Os que não se saíam bem nas avaliações eram visados com mais rigor. Parte daqueles que embora fossem considerados agitados para o padrão da escola, tiravam boas notas e também causavam irritação nos professores, já que não gostavam do fato de não obterem total atenção deles.

Trazendo algumas de minhas experiências pessoais, tive a ajuda de professores que se dispuseram a sanar minhas dúvidas e a me dar qualquer tipo de apoio que fosse necessário. Sempre busquei auxílio e via a satisfação deles com meu gesto. Percebia que, quanto maior o esforço e interesse do aluno, melhor seria

a relação professor e aluno. Eu via isso como uma forma de incentivo que dávamos uns aos outros.

Na escola, a nota dizia muito sobre o aluno. Os que possuíam as maiores notas e melhores comportamentos eram considerados nas categorias “destaques” e “elogios”. As notas baixas acarretavam a chamada dos responsáveis à escola, exposições excessivas em alguns casos, gerando desânimo e insegurança dos alunos. Observava certas posturas de alguns professores e as considerava antiéticas quando estes gostavam de expor os alunos que não se saíam bem nas avaliações. Os estudantes acabavam sendo culpabilizados pelo insucesso.

Já tive a experiência de ser exposta por um professor de uma disciplina na qual não tinha muita facilidade. Durante a entrega das avaliações, ele costumava fazer as entregas em ordem decrescente das notas. Certa vez, tirei uma das notas baixas da turma e este expôs minha nota, afirmando que eu não me recuperaria para alcançar a média.

Sempre tive muito medo de ser essa aluna, por não querer trazer quaisquer tipos de problemáticas para meus pais e não me sentir confortável com a exposição sofrida. Por esse motivo, me dediquei sempre a recuperar minha nota. Por questões como essas, algumas vezes me desdobrei para decorar alguns conteúdos, apenas para obter as notas necessárias. Vejo isto como uma de minhas grandes falhas, já que os assuntos decorados não foram de fato aprendidos.

Outro marco da escola em minha vivência foi a forma como a universidade era colocada ao ser comparada com ela: havia um discurso marcante de que na universidade os estudantes eram tratados com indiferença, identificados apenas por números, diferente das práticas realizadas na escola, nas quais os professores sabiam nossos nomes e conheciam cada um de nós. Falas como essas me despertaram certo receio no meu futuro como universitária.

Acredito que este tipo de discurso era pertinente para mostrar o valor dos professores da instituição. Um grande questionamento que carrego comigo ao longo da minha trajetória é onde a escola deseja chegar com essa narrativa? Existem outras formas do professor exercer suas funções sem desvalorizar o estudante e seus percursos. Mas quando penso nas vezes em que decorei os conteúdos por medo da nota e do constrangimento, vejo o quanto essa memorização dos conteúdos prejudicou minha formação como aluna.

Não posso deixar de ser grata aos professores que me ajudaram a crescer na jornada, passando os valores de companheirismo para com os estudantes, sabendo dosar a seriedade e a cumplicidade. Foram estes que me fizeram admirar cada vez mais a profissão. Assim como já tive experiências ruins com relação ao processo avaliativo, também tive experiências boas, como a ajuda de uma professora que muito me marcou e me ajudava todo bimestre a alcançar a média em uma disciplina com a qual não tinha familiaridade.

Senti que as cobranças aumentaram no Ensino Médio e, devido ao contexto econômico, me dediquei a estudar para fazer a prova do ENEM e conseguir passar para a universidade pública. Recebi o apoio da minha família e estudei fora da escola também, dividindo cursinhos online com alguns colegas. Passei para o curso de Pedagogia. No início houve um pouco de receio por parte dos meus pais, por ter relação com uma profissão um pouco desvalorizada no mercado de trabalho, mas com o tempo, todos entenderam e foram me apoiando.

Ao ingressar na universidade, me deparei com um mundo completamente diferente do relatado na escola. É claro que os professores não nos conhecem tão bem quanto na escola, mas nem todos tratam os estudantes com indiferença. Em sua maioria, vejo uma grande quantidade de debates, com menos restrições que a escola. Foi na universidade que passei a realmente me ver como protagonista de meu processo de aprendizagem.

Trazendo novamente a avaliação para o foco, outro grande ponto positivo que a faculdade me proporcionou, foi a diversidade de avaliações que tenho descoberto ao longo da caminhada. São estudos dirigidos, sínteses, seminários, criação de material didático, e até mesmo a auto-avaliação. Tive contato com alguns deles na escola, mas não com tanta ênfase quanto na universidade, já que o foco maior era voltado para as provas. Talvez, se a ênfase no peso das provas e cobranças não fossem tão grandes na escola, o processo avaliativo fosse mais confortável para mim, trazendo conseqüentemente, menos receio dele.

Não vejo muita ênfase em provas, e muito menos em nos definir através das notas na universidade. Percebo que alguns tipos de avaliação intensificam e somam nas relações professor-aluno, fazendo com que as trocas sejam mais espontâneas e ricas. Essa diversidade também me trouxe um gosto maior nos estudos e também fez com que me identificasse com a utilização de algumas para me auto-avaliar.

Para meu futuro, como pedagoga, pretendo levar comigo a lição de que uma nota não define quem está sendo avaliado e muito menos sua capacidade. Gostaria de levar aos estudantes que a caminhada deles não depende apenas de quem está à frente de um quadro, e sim da troca entre ambos. Mostrar que sempre estarei ali, mas jamais para depreciá-los. O estado psicológico é uma de suas mais preciosas ferramentas, e se um educador não ajuda a conservá-lo, é esperado que este estudante se perca no meio de sua caminhada, sem qualquer tipo de conforto e vontade de retomar. Também tenho o desejo de romper com o grande medo do novo, e principalmente, das avaliações, mostrando que esta é uma grande parceira de seu processo de ensino-aprendizagem, alinhado com a fala de Paulo Freire sobre necessidade de horizontalizar os diálogos.

A partir desta contextualização, esse trabalho monográfico tem como objetivo trazer o processo avaliativo na escola para o debate, buscando entendê-lo especialmente pela ótica dos estudantes, especialmente focando no papel do professor e questionando se a avaliação afeta diretamente na relação professor-aluno. A partir do momento em que trago minha trajetória, me incluo como um dos temas desta investigação, já que ela advém de marcas por mim vividas enquanto estudante, especialmente na Educação Básica.

Segundo Ferrazo (2003, p.158), em “Eu, caçador de mim”, *estamos sempre em busca de nós mesmos, de nossas histórias de vida, de nossos lugares*. Este é o verdadeiro sentido deste trabalho: trazendo meu lugar de fala junto aos demais estudantes contemplados nessa pesquisa, assim retornando ao local por mim já ocupado em um outro momento. Local esse que me trouxe para onde estou, do qual nunca conseguirei sair, e que me levará em direção ao que espero como educadora: encontrar relações horizontais no ambiente escolar, trazendo a avaliação para um processo de diálogo amoroso na relação professor-aluno.

A seguir, elencarei a estrutura deste trabalho, apresentando seus capítulos. Iniciarei com o capítulo intitulado *Caminhos metodológicos*, onde serão trazidas as abordagens metodológicas, justificando seu uso, e as escolhas dos caminhos percorridos por mim, junto das crianças. No segundo capítulo, *Repertório conceitual*, listarei e desenvolverei sobre os autores selecionados para fundamentar as ideias trazidas por mim. *Pesquisa de Campo* é o terceiro capítulo. Este trará detalhadamente toda a realização da pesquisa junto às crianças, através do diálogo com alguns estudantes e da escuta sensível. No quarto capítulo, *Reflexão sobre os*

dados da pesquisa de campo, proporei uma reflexão a partir dos dados levantados no grupo focal, e retornarei ao conjunto conceitual trazido no segundo capítulo. Por fim, trarei as *Conclusões* do trabalho no último capítulo.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia, de cunho qualitativo, dá-se através do grupo focal, na realização de conversas com seis estudantes do Ensino Fundamental I - anos iniciais. *Os Grupos Focais são grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate.* (RESSEL et al, 2008, p.780).

Já que o intuito é abrir espaço para escuta e compartilhamento de ideias desses sujeitos que protagonizam o espaço escolar, a formação do grupo focal foi pensada para ser composta pelo menor número de integrantes possível, pois o objetivo é permitir uma maior aproximação desses sujeitos, de forma mais dinâmica e aprofundada, como nos escrevem Ressel et al (2008):

O número de participantes em cada grupo seguiu orientação de estudos acerca do grupo focal, que referem de 6 a 15 pessoas como um módulo recomendável. A dimensão dos grupos depende dos objetivos de cada estudo. Quando se deseja gerar maior número de idéias {sic}, a melhor opção é organizar grupos maiores. E, quando se espera aprofundar a temática na discussão, deve-se optar por grupos menores.(RESSEL et al, 2008, p. 3)

É necessário haver grande variedade de instrumentos de análise para tal. Assim como gostaria que minhas vivências e visões como estudante tivessem sido mais exploradas no ambiente escolar, vejo que esta é uma excelente oportunidade para problematizar essa prática enquanto pesquisadora.

Portanto, entende-se que esta metodologia permitirá uma troca de ideias mais bem estruturada, acompanhada de perguntas norteadoras que auxiliam no diálogo e trata de trazer os focos desta pesquisa. Posteriormente, será realizada uma análise das informações levantadas na roda de conversa com as crianças, junto do conjunto de conceitos trazidos por autores selecionados para a monografia. Para evitar quaisquer tipos de incômodos e trazer o grupo para mais perto, entendo que é importante a organização em roda. Essa configuração de espaço facilita não só a observação por diferentes ângulos, mas também faz com que o grupo não fique segregado.

Previamente, foram organizadas algumas perguntas dentro de um roteiro, de forma a facilitar e orientar meu diálogo com as crianças. Este roteiro terá maior esclarecimento à frente, quando relatarei minha entrada em campo.

Para também avaliar o uso do grupo focal, foi solicitado que as crianças se manifestassem sobre a dinâmica ali realizada: se gostaram, como se sentiram durante sua realização e se tiram dela alguma aprendizagem. Acredito que a opinião delas acerca da metodologia utilizada também servirá como apoio para futuras pesquisas, e poderá avaliar minhas escolhas para realizar este estudo. Aproveito para informar também que no capítulo onde apresento os dados da pesquisa de campo, a escola e o grupo serão devidamente apresentados, respeitando os limites referentes à exposição, mas com objetivo de justificar a escolha do espaço e do grupo.

2 REPERTÓRIO CONCEITUAL

2.1 Os tipos de avaliação

Considerando as minhas experiências com espaços educativos da Educação Básica, sejam elas como estudante, sejam como estagiária, sejam como docente, percebo que pouco é apresentado no ambiente escolar diferentes tipos de avaliação. Especialmente na condição de estudante nas séries iniciais, posso afirmar que, caso fosse indagada sobre a avaliação, a primeira coisa que me viria à cabeça, seria a prova. Contudo, pesquisas acerca da temática mostram que existem três tipos de avaliação: a prognóstica, a formativa e a somativa. Elas são diferentes quanto aos objetivos, ao momento de sua realização, até a sua conclusão.

A avaliação prognóstica possui objetivo diagnóstico e organizador, e antecede qualquer processo educativo. Funciona como um instrumento orientador que norteará o professor quais serão os caminhos ideais para percorrer com o estudante, relevando suas maiores e menores dificuldades, e trazendo para o avaliador a metodologia mais eficaz para alcançar os objetivos propostos.

Já a avaliação formativa é utilizada como instrumento essencial na relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem, pois os acompanhará constantemente durante todo percurso, podendo orientar o professor a escolher novos caminhos para ajudar o estudante a expandir-se cada vez mais. Por acompanhá-los durante toda essa caminhada, acaba sendo contínua e uma facilitadora da aprendizagem. É aquela que buscará, por exemplo, trazer equilíbrio dentro de sala de aula.

Quando falamos da avaliação somativa, discorreremos sobre uma avaliação que verifica e qualifica o que foi absorvido pelo estudante. Assim como a prognóstica, ela foca nas capacidades do estudante mediante o assunto tratado, contudo, aplica-se no processo final educativo. É a que mais se assemelha à função social da prova: verifica o que cada um captou baseado nos referentes socialmente colocados como necessários para viver em sociedade. Com isso, acaba sendo classificatória. Se dedica mais fortemente a apresentar ao estudante uma realidade disciplinadora e de pressão a qual estamos também socialmente presos: cumprir objetivos, não necessariamente com excelência. É exatamente o tipo de avaliação

disciplinadora, colocada como aquela que possibilita a distinção entre alunos “medianos” e alunos “acima da média”.

O peso que lhes é dado, que define maioritariamente as notas atribuídas aos alunos, faz com que o teste sumativo seja atualmente (no sistema escolar em Portugal) de uma importância extrema, pois destaca alunos medíocres de alunos medianos e de aluno excelentes. A carreira de um aluno do ensino obrigatório é essencialmente desenhada pelo seu desempenho nos testes sumativos. (LEITÃO, 2013, p.27)

A seguir, apresento um quadro com breve resumo das características dos tipos de avaliação, permitindo uma melhor visualização para diferenciá-las:

PROGNÓSTICA	FORMATIVA	SOMATIVA
Funções: diagnosticar, orientar e organizar.	Função: auxiliar o estudante a expandir-se em seu processo de aprendizagem.	Funções: verificar e qualificar o que o estudante aprendeu.
Aplicada no início do processo educativo.	Avaliação contínua	Aplicada no fim do processo educativo.
Indica os melhores caminhos e metodologias.	Orienta o professor quais serão os próximos passos e traz equilíbrio à sala de aula.	Foca nas capacidades do estudante.
Foca nas capacidades do estudante.	Facilitadora da aprendizagem	Classificatória e disciplinadora: possibilita a distinção entre os alunos.

Em geral, quando falamos dos tipos de avaliação, percebemos que as mais adotadas são a formativa e a somativa. Portanto, trago o seguinte questionamento: qual seria a mais adequada? Analisando suas funções na prática, é possível formemos opiniões a respeito da eficácia de cada uma delas. Cada uma dela parece ter um momento necessário para ser aplicada. Porém, a partir da minha visão como estudante da Educação Básica, percebo que a avaliação somativa, quando utilizada enquanto modelo único e demarcador principal das aprendizagens dos alunos, materializada através da prova, normalmente acaba prejudicando o processo de aprendizagem do estudante, já que em sua utilização, observo que o maior foco dos estudantes ao realizá-la, é cumpri-la com êxito, alcançado a nota

máxima e deixando de lado o conhecimento como uma prioridade. A finalidade deste contexto de avaliação é provar que o estudante absorveu os termos e conceitos da forma mais semelhante possível da que foi transmitida pelo professor durante as aulas. Não importa se ele conseguiu desenvolver uma resposta coerente e bem desenvolvida, o importante é trazer em suas afirmativas tudo o que foi apresentado pelo professor, sem interferências do estudante.

Isso pode ser confirmado no cotidiano de qualquer escola: é muito comum, durante a abordagem de qualquer conteúdo, os estudantes questionarem o professor sobre ser cobrado ou não em prova. Caso recebam uma afirmativa negativa, os estudantes acabam se desinteressando pelo conteúdo, afinal, por que aprender sobre algo que não lhes será cobrado? Por que direcionar tanta energia para algo que não será avaliado?

2.2 Por que e para que avaliar?

Para iniciar essa discussão, pergunto: como se dariam o funcionamento da escola e as relações existentes nela sem a existência da avaliação? Creio que, assim como em todas as circunstâncias da vida, a avaliação possui aspectos positivos e aspectos negativos.

Enquanto a estudante da Educação Básica que fui, a maioria das atribuições da avaliação é facilmente vinculada a ideias negativas: está atrelada à punição escolar e também à domiciliar. Quem nunca deixou de brincar ou de praticar qualquer atividade de lazer para estudar para uma prova? Quem nunca fez prova preocupado com a nota, com medo de levar bronca em casa e ficar de castigo? Ou até mesmo, quem não decorou livros e teorias apenas para alcançar, no mínimo, a média?

Neste momento, analisando os processos avaliativos como pedagoga, me inquieto a partir das seguintes questões: Sou capaz de elaborar uma avaliação justa para meus alunos? Será que vou ser capaz de corrigir um quantitativo grande de provas e trabalhos? Será que saberei dar todo o apoio necessário para meus alunos, de acordo com suas necessidades?

O ato de avaliar está associado a dois processos simultâneos: diagnosticar e decidir. Diagnosticar para conhecer as especificidades de cada um dos estudantes, inteirar-se sobre suas aptidões e dificuldades, qualificando-os. Mas com uma

qualificação acolhedora. Com isso, o avaliador torna-se apto para tomar as decisões mais adequadas e mediar o processo de ensino-aprendizagem de cada estudante da melhor maneira possível, alcançando com isso os objetivos propostos.

Para diagnosticar, dados relevantes precisam ser coletados, devem estar de acordo com o que se pretende avaliar e com os planejamentos. Por isso, é importante também destacar a importância de realizar um bom planejamento. O planejamento satisfatório é produzido com consciência, em conformidade com o ponto de vista científico, político e pedagógico.

Para coletar os melhores dados possíveis, torna-se necessário que o educador tenha acesso aos melhores instrumentos possíveis. Eles devem ser adequados para o que se está avaliando, a fim de abordar todos os conteúdos considerados importantes, na clareza da comunicação, e ao processo de aprendizagem do discente. O instrumento cabível é aquele que reforça o que já foi aprendido pelo estudante. Ao escolher um instrumento inadequado, o diagnóstico poderá ser distorcido. Além disso, esses instrumentos devem ser utilizados de forma adequada.

Quando utilizada de forma inadequada, a avaliação acaba sendo uma armadilha: uma espécie de prestação de contas do estudante para com o professor. Infelizmente, há espaços educativos onde os modelos de avaliação não são problematizados. Acerca disso, percebe-se que muitos estudantes acabam perdendo o interesse na escola e vinculam o ato de estudar à realização das avaliações.

A partir do momento em que a avaliação é utilizada como instrumento de poder, estas levarão ao fracasso escolar ou ao sucesso escolar, e poderão determinar o fluxo de entrada e saída na escola. Será a principal ferramenta de exclusão, de silenciamento do aluno. Nesse sentido, podemos dialogar sobre o processo de hierarquização escolar: os que alcançam notas acima da média são os mais bem tratados, que mais despertam o prazer no professor em ensinar; já os que ficam abaixo da média, acabam sendo deixados de lado, ficam praticamente invisíveis aos olhos do docente, não despertam tanto prazer em ensinar.

Avaliando de forma panorâmica, podemos dizer que o ato de avaliar na escola está associado aos parâmetros adotados pela presente política educacional, onde o *erro* está diretamente relacionado ao não saber, e que deve precisa ser

imediatamente corrigido, transformando-se no *acerto*, que está associado ao saber, que reproduz os conhecimentos valorizados pela escola socialmente.

Saber e não-saber, acerto e erro, positivo e negativo, semelhança e diferença são entendidos como opostos e como excludentes, instituindo fronteiras que rompem laços, delimitam espaços, isolam territórios, impedem o diálogo, enfim, demarcam nossa interpretação do contexto e tornam opacas as lentes de que dispomos para realizar leituras do real. Seleção classificação e hierarquia de saberes e de pessoas, marcas de um processo que faz das relações dialógicas, relações antagônicas. (ESTEBAN, 2001, p. 12)

Diante disso, vejo a necessidade de uma nova cultura de avaliação, que nos faça pensar primeiramente nos fatores positivos que ela possui. Uma avaliação que não obrigue o aluno a estudar, mas que lhe desperte cada vez mais o interesse em adquirir conhecimento e que dê a possibilidade de legitimar o conhecimento de cada um, sendo aplicada com ética e atendendo às demandas destes. Uma avaliação capaz de fazer com que o professor não somente questione o estudante, mas também se questione.

Se pararmos para pensar, a avaliação cerca nosso dia a dia, naturalmente. E nem sempre nos damos conta disso, ou até mesmo não nos remete a coisas ruins. Todo dia, avaliamos algo: avaliamos a previsão do tempo para escolher a roupa adequada para vestir, avaliamos a comida feita em casa ou de um restaurante, avaliamos condutas das pessoas, avaliamos nossas escolhas, etc. Utilizamos dessas avaliações cotidianas, principalmente, para fazer escolhas, o que se tornam importantes para a vida de todo dia.

Por isso, a avaliação é a pedra angular da instituição escolar: ela fornece pistas ao professor. Não se entra em sala de aula sem avaliar. O erro não é um fracasso, mas sim um ponto de partida. Com isso, ela poderá indicar quais são os caminhos ideais, indicar a possibilidade de traçar novos caminhos para que o estudante atinja os objetivos colocados, ou até mesmo fornecer informações sobre as práticas daquele professor.

Sua função deve ser o fornecimento de um olhar cuidadoso para com o estudante, sem rotular, compreendendo seu estágio de aprendizagem para que se possa avançar na qualificação do processo. Tudo o que é avaliado, pode ser aproveitado para melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

Numa simples descontração em sala de aula, pode-se descobrir as maiores aptidões de uma turma, e utilizá-las para agregar nas atividades tanto dentro, quanto

fora de sala de aula. Não seria também isso uma forma de avaliar? Contudo, vale ressaltar que essa descontração deve priorizar a construção do conhecimento, e não de descobrir maneiras de apropriar-se da instrução em sala de aula.

Ressalta-se também a dualidade do processo educativo no fornecimento de instrução e formação. Os autores atentam para o fato de que a escola tem se limitado a prover a apropriação da instrução; o conhecimento é visto como uma vantagem diante da sociedade competitiva que aí está. Mas esse não deve ser o único objetivo, pois seja tácita, seja plenamente, a escola é formativa; formação que se dá nas situações cotidianas do ambiente escolar. Isso permite confirmar que a avaliação não é somente uma questão técnica, mas envolve também juízos de valor por parte do professor. (BORGES, 2012, p.132)

A partir dessas reflexões, posso dizer que um dos principais objetivos da avaliação é fornecer instrumentos para que seja possível identificar processos de aprendizagem, bem como suas fragilidades, sem que se torne um obstáculo para esta mesma aprendizagem. Não se trata de vencer um instrumento para ter a certeza de que se está progredindo, e sim de aproveitá-lo para progredir constantemente. Para adquirir conhecimento genuíno.

Contudo, não podemos apontar o professor como o grande vilão avaliador. É preciso uma escola mais reflexiva acerca do processo de ensino e aprendizagem. Não podemos esquecer que uma normatização nacional e que ela precisa ser seguida. Culturalmente, o costume de desejar levar boas notas para casa, principalmente para obter aprovações em ambiente doméstico, está entranhado em nossa sociedade há tempos. As avaliações poderiam ser melhor pensadas, tendo um olhar mais compreensível diante do lugar do estudante. E digo isso não somente na posição de estudante, mas também como educadora em formação.

Há quem pense que a avaliação seja posta como um termômetro destinado apenas para o estudante, mas percebo que não é bem assim. Este aproveitamento também pode ser adotado pelo professor em relação às suas realizações, não somente em sala de aula, mas também fora dela.

É poder, através da avaliação, buscar as melhores formas para participar ativa e positivamente do processo de progressão de cada estudante, e também de suas vivências como educador. É ter como principal objetivo a qualidade da prática educativa. Esta é a verdadeira motivação para buscar o crescimento: trazer o melhor de cada educando, incluindo democraticamente cada um deles.

2.3 A avaliação libertadora: ressignificando a avaliação na escola

Paulo Freire sempre foi a maior das referências para todos os que se dedicam a fazer pesquisa em Educação e a praticar o ofício docente. Para ele, no que diz respeito à avaliação, esta deixa de ser um processo de cobrança e transforma-se em mais um momento de aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor.

O grande nó da avaliação é a aprendizagem. Ao desatá-lo, podemos nos deparar com conhecimentos incríveis, numa via de mão dupla entre professor e aluno, juntos. O ato de conhecer não é individual. Se não buscamos desatar este nó, o não aprender acaba virando um adoecimento. A interação pedagógica só vem por meio do diálogo.

Uma avaliação libertadora é aquela que transforma não só espaços, mas também relações e pessoas. É aquela que agrega e não separa. É construtiva, livre e espontânea. É agradável, justa e, muitas vezes, se passa sem ao menos repararmos que o processo está em execução. Se dá de modo formal, informal, onde os estudantes participam ativamente de suas construções e não é repetitiva.

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2000, p. 1)

A avaliação não se refere apenas a novos assuntos a serem aprendidos, mas também à recuperação de temas já tratados anteriormente, mas que podem ser recuperados e aprimorados. Se refere, também, ao acolhimento. Acolhimento do estudante como ele é e está. Acolhimento da avaliação como o instrumento de mudanças positivas. Acolhimento da disposição que o professor deve ter, já que exerce o papel de mediador do processo de aprendizagem dos estudantes. É claro que ele não nasce com essa disposição, mas é essencial que esteja aberto para construí-la, livre de julgamentos.

Acima de tudo, este acolhimento deve ser para com o estudante como ser humano. Somente aceitando as particularidades de cada um, estaremos capacitados para estabelecer vínculos nos espaços em que ocupamos, livres de recusas.

Paulo Freire acreditava que a mudança educacional acompanha a mudança social e política para diminuir as desigualdades e, por isso, buscava trazer um pouco do cotidiano político e social de cada um de seus educandos. Práticas como essa são efetivas para trazer ao educador novas possibilidades de práticas.

É claro que os conteúdos são importantes, mas torna-se primordial despertar um maior interesse dos estudantes e trazê-los para mais perto no processo, incluindo informações que englobam a realidade de cada um e quebrando qualquer tipo de barreira que possa haver na relação professor-aluno. A presença do diálogo amoroso em sala de aula mostra que o educador está disposto não só a compartilhar aquilo que sabe com os educandos, mas também a aprender e ouvir aquilo que eles têm a compartilhar.

É necessário, portanto, descobrir meios efetivos de elevar a autoestima dos alunos, dos outros atores envolvidos no processo educativo e das organizações, simultaneamente, tornando públicos os sucessos alcançados, o que, por certo, resultará em contínuo aperfeiçoamento. Além disso, quanto mais elevada for a autoestima de um indivíduo, mais positivos serão seus sentimentos em relação a outros indivíduos e mais positivamente ele será capaz de perceber os sentimentos de outros a seu respeito. (Penna Firme, 2023)

Não coloco a prática libertadora na posição de quem salvará a educação de todos os problemas que possam vir, ou que uma avaliação libertadora acabará completamente com as práticas excludentes na escola. Mas trago uma esperança possível: existem possibilidades convidativas ao professor de repensar suas práticas sem que essas práticas produzam o sofrimento em alguns estudantes, explorando novas alternativas de alcançar o maior nível de aproveitamento possível dentro e fora de sala de aula.

Acredito, então, que posso definir a avaliação libertadora como aquela que não busca classificar, mas sim, investigar, ressignificar e potencializar conhecimentos. Aquela que trará novos olhares, repletos de inclusão e diversidade. Que abandona o conceito de que “quem erra, não sabe”, substituindo o “não sabe” por “ainda não sabe” ou “sabe sob uma ótica diferente”. Nesse contexto, a avaliação enfoca que o conhecimento é múltiplo, constituído de diversos olhares que, articulados, são complementares; que vê o erro como instrumento de observação para um melhor entendimento de como aquele sujeito está organizando suas ideias e; que é estimulador para conquistar formas e espaços onde haja um denominador comum entre quem aprende e quem ensina.

3. PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, trarei a pesquisa de campo feita por mim. Tratou-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, realizada em uma escola localizada no bairro de Botafogo, zona Sul do Rio de Janeiro, onde fiz um de meus estágios obrigatórios no ano de 2022. A escola contempla as etapas de ensino da Educação Infantil (4 e 5 anos) e do Ensino Fundamental (nos Anos Iniciais), na modalidade de ensino regular. A comunidade apresenta uma boa relação com a escola, conforme verificação feita durante o período em que lá estagiei.

Escolhi esta escola porque, como informei anteriormente, já havia realizado lá um estágio obrigatório de Ensino Fundamental em uma turma de 4º ano. Fui bem recebida e acolhida pela escola, especialmente pelas crianças. Aproveitei que minha pesquisa busca dialogar com crianças do 5º ano e resolvi voltar ao espaço em 2023, não só para revê-las, mas também para ouvi-las a respeito do tema deste estudo. No período em que estagiei na escola, só tive a oportunidade de ter contato com o tema de estudo em meu último dia de estágio, sem poder explorá-lo de modo suficiente.

Para entrada em campo, preparei um roteiro de apoio, com perguntas simples, para que pudesse ter uma conversa leve com as crianças, sem intimidá-las. Estava ali para realizar minha pesquisa, mas também para ouvi-las, e por isso queria que fosse o mais objetivo possível, para que pudesse acessar narrativas bem proveitosas e que elas pudessem se recordar da atividade de forma afetuosa.

Iniciei a construção do meu roteiro com uma contextualização da pesquisa com os estudantes. Expliquei o trabalho que estava realizando. Falei sobre a função da monografia na universidade e também sobre o tema da pesquisa. Para que não houvesse qualquer tipo de interferência prévia da minha parte, falei apenas sobre meu tema de pesquisa e o que buscava ali com eles – que é ouvir um pouco sobre como veem a avaliação na escola.

Após a apresentação do tema, expliquei como se daria a dinâmica que ali seria realizada em conjunto. Deixei explicitado que, infelizmente, não haveria como toda a turma participar, devido à quantidade delimitada, e que solicitaria seis voluntários para participação.

Quando entrei na sala de aula, pedi licença à professora regente da turma e perguntei se ela lembrava de mim, já que ela foi também a professora regente desta

turma no ano anterior. Ela disse que lembrava vagamente de mim, mas algumas das crianças logo me reconheceram e foram me abraçar. Antes de entrar, ela estava fazendo a correção de uma atividade que havia passado para o grupo.

Após a finalização da correção, a professora me deu espaço para explicar novamente o que estava fazendo ali naquele dia. Após iniciar a prática de meu roteiro já anteriormente explicado, informei a turma sobre a quantidade máxima de participantes e perguntei quem gostaria de participar. De imediato, algumas das crianças se candidataram com muita animação e a professor interferiu, dizendo:

Minha filha, não se pergunta quem quer participar. Não pode deixar como livre escolha deles. Você é quem deve decidir quem vai. E caso a criança queira, ela vai. Caso ela não queira, você escolhe outra e pronto. Escolha quatro que você já conhece e dois que você ainda não conhece.

Tendo como referência o critério apontado pela professora regente, selecionei três meninos e três meninas, para que em grau de gênero, houvesse um equilíbrio nos perfis do grupo focal. Após nos direcionarmos para outro espaço, propus uma organização coletiva, para que se sentissem parte do processo desde o início, e que fossem feitas gradualmente algumas perguntas que preparei. Enfatizei que nem todos precisavam responder a todas as perguntas, mas sim as que se sentissem à vontade. Fizemos combinados referentes à ordem de fala, para que não houvesse interrupções durante as colocações dos colegas.

Aproveito para informar que, ao final da apresentação dos dados levantados na pesquisa, farei uma breve análise entrelaçando as respostas dadas pelos estudantes com os conceitos já abordados no capítulo intitulado *Repertório conceitual*.

3.1 A entrada em campo

Entrei em campo com um turbilhão de sentimentos. Era ansiedade para rever as crianças com as quais criei um vínculo durante minha passagem pela escola; nervosismo por lembrar que não estava apenas indo à escola, mas também para fazer uma pesquisa... e esse nervosismo aumentava mais ainda quando lembrava que se tratava da pesquisa da minha monografia.

Ao entrar na sala de aula, vi de imediato que algumas das crianças da turma me reconheceram, o que já me despertou um entusiasmo maior ainda para pôr meu

roteiro em prática. Expliquei para a professora que minha visita se devia a uma pesquisa para minha monografia, cuja temática era a avaliação. Entreguei uma cópia do roteiro que havia preparado e esperei que terminasse de corrigir a atividade que ela havia passado para a turma.

Aproveitei aqueles minutos para me organizar. Após a correção, fui até o quadro me apresentar novamente para a turma, repetindo meu nome, o curso e a instituição que estava ali representando e cumprimentei as crianças que ainda não conhecia, contando brevemente minha pequena trajetória na escola. Ali mesmo se iniciou a pesquisa. Expliquei que havia voltado por um dia para a escola para realizar outro processo de acompanhamento, desta vez para minha monografia. Perguntei se já haviam escutado algo sobre a monografia, e como não sabiam, contei que se tratava de um trabalho voltado para a finalização da minha trajetória na graduação do meu curso de Pedagogia, e que posteriormente também seria avaliada.

Apresentei minha metodologia, que era o grupo focal, contando brevemente que seria a forma com a qual iria acessar as informações para minha pesquisa, numa dinâmica um pouco semelhante à roda de conversa, onde através dela faria algumas perguntas previamente preparadas por mim para serem debatidas coletivamente, numa conversa informal. Contei que nossa atividade seria bem leve e dinâmica, para não ser cansativa.

Expliquei que não poderia levar toda a turma para realizar a pesquisa, e solicitei seis voluntários para participar: três meninos e três meninas. Grande parte da turma se empolgou, o que dificultou um pouco as minhas escolhas, pois seria muito mais fácil emocionalmente, deixar que todas as crianças participassem. Aceitei a sugestão da professora regente e selecionei duas meninas que já conhecia: Gabriela e Laís, e mais uma que ainda não conhecia: Rita. O mesmo foi feito com os meninos: Pedro e João já eram conhecidos, e Emanuel também não era conhecido por mim¹.

Levei as crianças para a sala em frente e propus que nos sentássemos em roda. Para minha surpresa, elas receberam a proposta com estranhamento, pois poucas vezes se organizavam dessa maneira para realizar atividades em sala de aula. Enquanto nos organizávamos, fui explicando que achava aquela configuração a mais adequada para trabalharmos, já que ela nos permitiria uma maior

¹ Nomes fictícios

aproximação. Enfatizei que não queria que fosse um momento formal, e sim uma conversa. Como estavam muito empolgados, já no momento da organização do espaço, o grupo falava muito e ao mesmo tempo.

Quando nos sentamos, fui buscando trazer a atenção deles para mim. Falei que era importante aproveitarmos cada minuto para que todos conseguissem ser ouvidos. Combinamos uma ordem de fala: eu faria as perguntas e, quem se sentisse à vontade, poderia responder. Informei que poderiam responder sem receio, e que era importante que não falassem todos juntos, e para isso, combinamos que, conforme um iniciasse sua fala, os outros esperariam sua finalização para complementar.

3.2 Sondagem de conhecimento prévio das crianças com relação ao tema da pesquisa

Para iniciar nossa conversa, preparei as seguintes perguntas: *O que vocês acham que é a avaliação?* e *Quais tipos de avaliação vocês conhecem?* Presumi que elas me permitiriam ter uma noção do quanto as crianças já refletiram sobre o objeto de estudo.

Logo que fiz a primeira pergunta, reparei que eles ficaram inseguros em responder. Objetivando que se sentissem mais confortáveis, explicitiei que não havia resposta certa ou errada: queria apenas ouvir suas opiniões.

Após minha colocação, eles pareceram relaxar. Pedro então foi o primeiro a responder: *Avaliação é quando a professora vê se tá certo.*

Gabriela complementou: *É pra professora ver se você consegue passar numa prova ou teste ... Se tá pronto e estudando direitinho ...*

Trabalho que vale nota. Respondeu, Rita.

João respondeu: *Uma nota para o que foi criado.*

As primeiras respostas das crianças me sinalizaram que, para elas, as avaliações definem o que é “certo” e “errado”, e que a nota é um fator de importante para sua realização.

Quando perguntei quais tipos de avaliações conheciam, as respostas foram em concordância: prova, teste, trabalhos (de Português, de Matemática, Sobre o Racismo, etc). Com base em suas respostas, reparei que a variação de tipos de avaliações não era muito grande em suas rotinas.

3.3 Conhecendo como se dá o processo avaliativo na escola e como ele afeta na vida dos estudantes

A partir deste tópico, foram abordados questionamentos de cunho mais pessoal. É a partir daqui que se dá explicitamente o espaço de escuta das crianças. Perguntei: *vocês têm uma semana reservada apenas para fazer avaliações?*

Eles responderam que não. Apontaram a existência de um teste surpresa, que se trata de uma “prova da professora”, e que a única avaliação combinada em sala de aula, era a “prova da prefeitura”². Emanuel também lembrou que eles são avisados com antecedência quando se aproxima a época de realizar a prova do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Brasileira).

O teste surpresa aplicado serve como uma medição do nível de preparo para a posterior realização da “prova da prefeitura”. Eles sinalizaram que durante a aplicação deste teste, a professora vai descontando pontos dos estudantes conforme alguns vão pedindo ajuda para sua realização. Além disso, todas as atividades que realizam tanto em sala de aula, quanto em casa, valem nota. O SAEB é um sistema de avaliação em larga escala, no qual as escolas e as redes municipais e estaduais de ensino são qualificadas mediante, dentre outros fatores, as notas obtidas nessas provas.

Quando questionei do que se tratava a “prova da prefeitura”, eles a descreveram como uma prova muito grande, composta por muitas páginas e leitura valendo nota dez e que na véspera de sua realização, a professora enfatiza: *estudem e não falem, para poder passar de ano!*

Após as respostas, caminhei para a pergunta seguinte: *como vocês se sentem nesse período?*

Calmo ... É fácil ... respondeu Emanuel.

As crianças riram de sua resposta e rebateram: *lógico, né? Você tirou 10!*

Emanuel ficou sem jeito com a colocação dos colegas.

Rita complementou a resposta de Emanuel: *eu começo nervosa, mas depois fico calma, porque minha família diz que não é difícil.*

² Trata-se de uma prova em escala municipal elaborada pela Secretaria Municipal de educação da Cidade do Rio de Janeiro que abarca as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia.

As outras crianças concordaram que começam um pouco mais tensas, mas depois vão se acalmando em todos os tipos de avaliações que realizam, mas que a da prefeitura causava nervosismo.

Pedro disse: *Eu fico nervoso por causa da nota, tenho medo de apanhar em casa.*

Rita mais uma vez completou: *A “prova da prefeitura” tem muitas folhas, muita leitura ...*

E passa por muitas mãos, completou Gabriela.

João, diferente dos colegas, respondeu: *eu me sinto inteligente!*

Quando perguntei o porquê, ele argumentou: *porque estudei muitas coisas e tiro notas boas.*

Essas perguntas me possibilitaram conhecer um pouco mais do funcionamento avaliativo da escola e saber que esse processo afeta individual e coletivamente a rotina dos estudantes. Além disso, também pude perceber que a “prova da prefeitura” é crucial para a caminhada escolar deles: é ela quem determina através da nota quem passa ou não de ano e, por isso, acaba despertando um pouco mais o sentimento de repulsa dos estudantes ao realizá-la.

3.4 A possibilidade de uma nova escola dos sonhos

Trazendo para debate minha curiosidade sobre a satisfação das crianças com relação à estrutura avaliativa que possuem na escola, reservei e lhes fiz a seguinte pergunta: *é possível uma escola sem avaliações?*

Para minha surpresa, todos responderam que *não*. Perguntei o porquê, e João respondeu: *porque a avaliação leva ao aprendizado, e sem elas não se aprende. A nota leva ao meu esforço.*

Laís então completou de forma divertida: *só na creche que não tem como ter avaliações, porque os bebês não sabem ler nem escrever!*

Todos ali presentes riram da observação de Laís. O momento engraçado acabou levando-os a se dispersarem um pouco. Começaram a falar todos ao mesmo tempo. Busquei novamente a atenção deles e lembrei do nosso combinado inicial: *pessoal, estamos todos falando ao mesmo tempo. Lembram do nosso combinado?*

A gente não tá respeitando a ordem de fala um do outro. Vamos voltar para nossa organização, estamos quase acabando!

Laís rebateu: tia, é melhor você ir chamando cada um pelo nome para responder. Assim ninguém fala junto.

Respondi que não precisava, que estávamos cumprindo o combinado até então. Prometo que é a última pergunta, e que logo vocês irão descer para almoçar. Vamos lá ... O que vocês diriam à professora sobre as avaliações?

Na verdade, eu almejava continuar a dinâmica antes combinada. Pedro foi o primeiro a responder: é chato, não é bom. Só às vezes é legal ...

Emanoel respondeu: que eu gosto muito, que me esforço! Meu sonho é ter uma bolsa em outra escola para orgulhar minha família.

Os colegas ficaram impressionados com a revelação dele.

Rita respondeu: que é difícil, mas às vezes é muito legal. Que Português não é muito legal e tem muita leitura grande. Eu gosto de Matemática. E também que gosto das avaliações dela por causa dos temas. A gente aprende muitos assuntos.

Gabriela respondeu: Eu diria pra diminuir as folhas e colocar as matérias que foram ensinadas. Às vezes cai o que ela não ensinou, e às vezes cai o que ela não explicou direito. Só recebemos ordens. Quando tiramos sete, ela não fala nada, só foca em quem tirou nota boa.

Ela deveria incentivar quem tira nota baixa ao invés de brigar. Ela tira o recreio. Não repete explicação, grita! Prefere os que tiram nota alta. Eu também diria pra não passar muita coisa pra gente ficar mais calmo, colocou Laís.

Por fim, João respondeu: eu diria “valeu pelas notas, senão eu não seria inteligente”.

Acredito que estas sejam as perguntas-chave da pesquisa. É através delas que as crianças puderam explicitar ou até mesmo “criar a escola dos sonhos”. Esta sondagem me permitiu saber que existem outras possibilidades de, na visão deles, analisar o grau de conhecimento de cada um deles acerca dos conteúdos escolares.

3.5 Avaliando minhas práticas pesquisadoras

Para concluir nossa roda, pedi que as seis crianças avaliassem a dinâmica ali realizada, apresentando os pontos positivos e negativos. Não preparei qualquer tipo de pergunta para esta avaliação: apenas deixei que se expressassem de forma

espontânea. Pedi que usassem uma folha de seus cadernos e o material que quisessem para fazer suas colocações: *já que que nosso tema foi avaliação, agora é a vez de vocês avaliarem nossa dinâmica. Não se preocupem, não vale nota e não precisam se identificar. Os que quiserem, podem ler no final.*

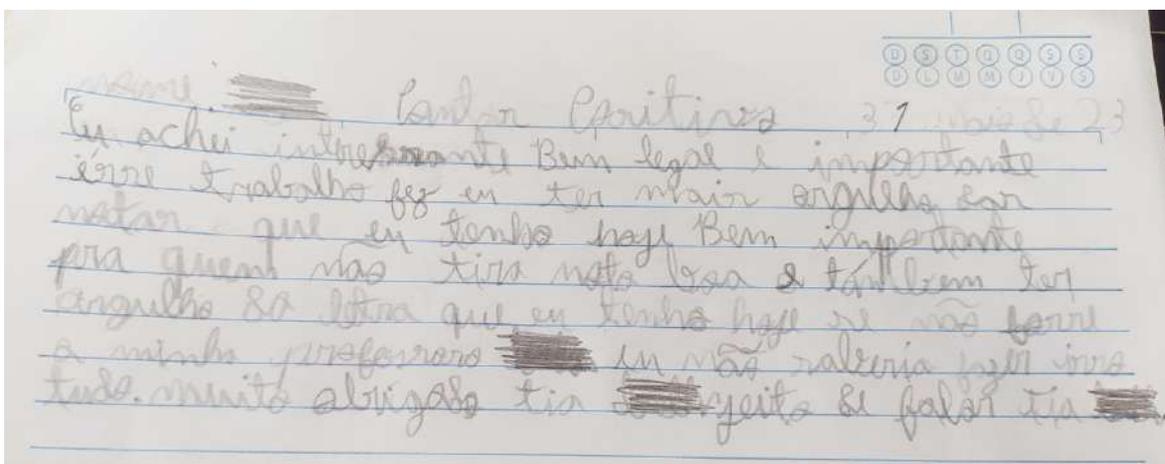
Com a avaliação delas, posso analisar minhas práticas como pesquisadora, e trazer possíveis ajustes para pesquisas futuras. Para minha surpresa e felicidade, todas avaliaram positivamente a dinâmica. Em suas avaliações, elas colocaram que gostaram muito da conversa, pois pedi para que falassem sobre o que gostam e o que não gostam sobre a prova; que foi legal e divertido; que foi uma coisa muito boa, pois os alunos deram as opiniões sobre a professora, as provas e as avaliações; porque puderam interagir livremente. Até como “educada” fui avaliada!

Emanuel quis me mostrar sua avaliação: *Tia, minha letra ficou muito pequena e apagada, mas eu escrevi que foi muito irado porque a gente conversou de homem pra homem, e que não teve ponto negativo.*

João então disse: *eu também quero ler! Eu coloquei que foi muito interessante e bem legal e importante, porque fez eu ter maior orgulho das notas que eu tenho e bem importante pra quem não tira nota boa. E também ter orgulho da letra que eu tenho hoje. Se não fosse a minha professora eu não saberia fazer isso tudo. Muito obrigada tia pelo jeito de falar!*

Essa escrita foi extremamente impactante para mim.

Compartilho aqui as avaliações dos estudantes sobre nossa roda de conversa:



Pontos positivos
 Pontos negativos

1- as notas...
 2- ...

Bom eu achei qm coisa muito boa,
 Sobre pela menos os alunos devem
 a opinião sobre a professora
 e as provas e as avaliações

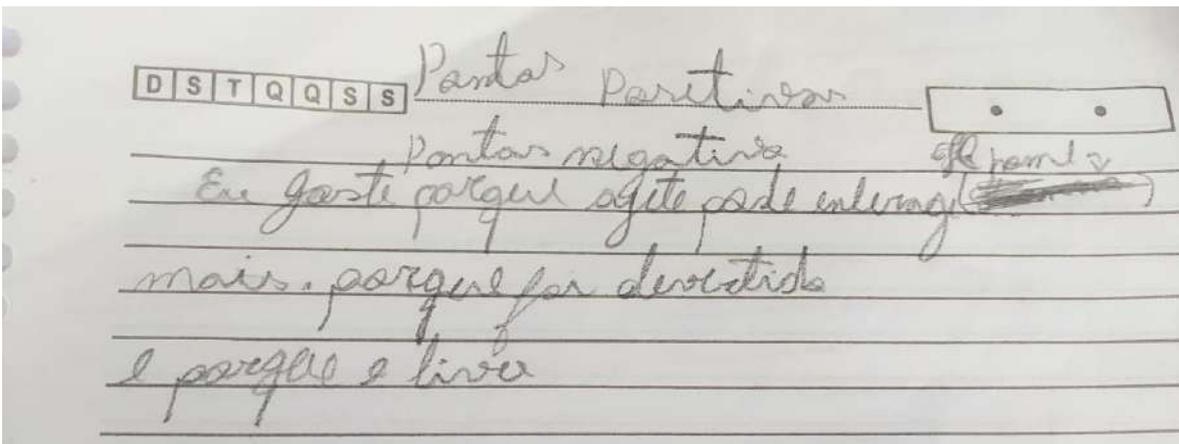
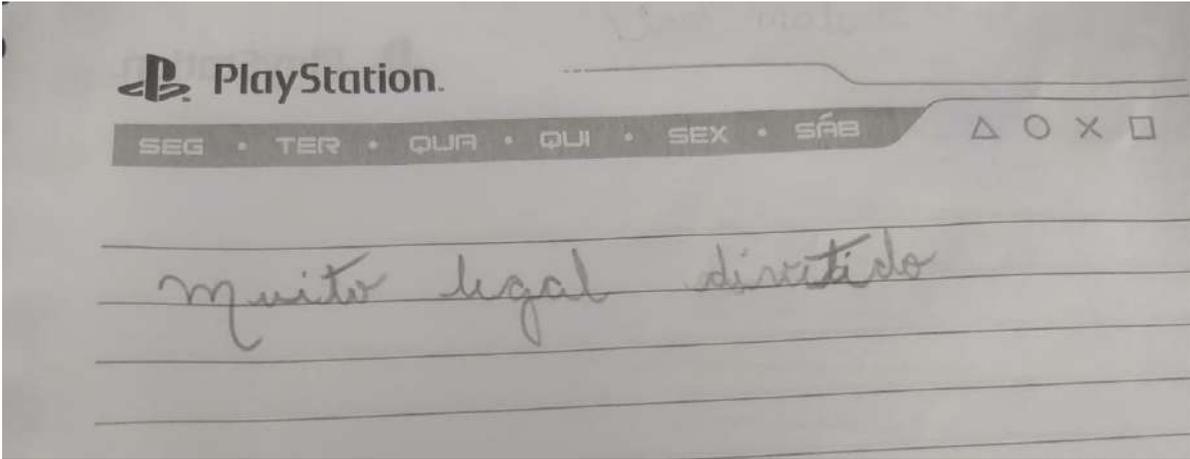
Ponto positivo: Eu gostei por que
 a gente falou sobre a nossa opinião.
 Ponto negativo: eu achei que não teve
 a professora foi super educada

maio
 data 31/05/2023
 fecha

D S T Q Q S S
 D L M M J V S

Eu gostei muito da ^{atividade} porque a tia Carol pediu para a
 gente falar sobre a prova e que a gente gosta e que a
 gente não gosta na prova e sobre isso.

Beijo Tia Carol. ♥



4 REFLEXÃO SOBRE OS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Primeiramente, acho de extrema importância colocar aqui que o afeto construído por mim e as crianças no período em que ali estagiei foi um fator crucial para o sucesso da observação participante. Além disso, a realização de um bom planejamento prévio me ajudou a não entrar em campo engessada e insegura.

Antes mesmo de receber as primeiras respostas das crianças para minhas perguntas, quando demonstraram receio em respondê-las inicialmente, pude reparar no quanto a relação professor-aluno afeta no andamento de qualquer atividade realizada dentro e fora de sala de aula. Se não tivéssemos construído uma relação tão horizontal, talvez minha pesquisa tivesse sido afetada.

Com as respostas das duas primeiras perguntas, que estavam voltadas para a sondagem do conhecimento que elas tinham sobre o tema de estudo, pude reforçar parte de hipóteses que se referem ao fato de a avaliação estar associada ao erro, ao acerto e à nota.

Quando Rita me responde que a avaliação serve para ver se estão estudando “direitinho”, me lembro da colocação em que fiz na segunda parte do capítulo 2, onde aponto a necessidade de uma avaliação que não obrigue o aluno a estudar. Ao passo em que a avaliação se associa a estes três fatores, logo que lhes é perguntado sobre o tema, coloco-me em alerta devido ao fato de não receber qualquer tipo de resposta que coloque a aprendizagem como foco.

Em minha opinião, a professora também colabora para essas associações que as crianças fazem entre a avaliação, o erro, o acerto e a nota, já que quando os lembra de que haverá a aplicação da prova da prefeitura, reforça que devem estudar e não faltar para poderem passar de ano. Não está errado reforçar o pedido de que estudem. O que questiono trata da falta de incentivo para que estudem com um pouco mais de atenção para além da prova, pois a prática de estudar será importante para ajudar não somente a professora, mas também aos estudantes, a decifrar o que precisa ser revisto com relação aos conteúdos dados em sala de aula, já que a quantidade de erros e acertos na prova em cada uma das questões lhe dará pistas sobre como tem se dado o processo de aprendizagem de cada um deles.

Além disso, por eles terem trazido como tipos de avaliação conhecidos os mais comuns na escola (que são os testes, os trabalhos e as provas) e também

demonstrarem certa estranheza na nossa organização em roda para a realização da conversa, posso acrescentar que elas não possuem muito contato com tipos de avaliação que lhes permitam interagir e serem avaliados coletivamente, de forma que, no futuro possam tirar proveito dos diagnósticos ali colhidos.

Quando eles trazem que não possuem uma semana reservada para fazer as avaliações, e que quase todo o processo avaliativo é uma surpresa para todos ali presentes, me recordo de algumas aulas que tive na faculdade, onde em várias disciplinas pude entender a importância da “agenda” durante o ano letivo.

Não realizei uma sondagem muito aprofundada para saber como estão as notas desta turma, mas acredito que se houvesse combinados e uma agenda feita pela professora que pudesse compartilhar com os estudantes, ousaria dizer que a turma teria um maior aproveitamento de tudo o que viram em sala de aula, e eu teria obtido menos respostas de que algumas delas sentem medo e ficam nervosas na realização das avaliações.

Não posso deixar de comentar também sobre a colocação feita por Pedro, quando diz ficar nervoso para fazer as avaliações devido ao medo de apanhar em casa. Sua fala me trouxe profunda tristeza, pois pude deixar de notar ainda que, nos tempos atuais, a escola continua tendo a possibilidade de estar associada às punições domésticas. No tempo em que estagiei na escola, acompanhei um pouco do processo de aprendizagem de Pedro, e vi que ele possui algumas dificuldades para acompanhar os temas dados em sala de aula e até mesmo com a leitura e escrita.

A fala de Pedro, e o relato feito pelas crianças de que a professora desconta pontos durante a aplicação da avaliação preparada por ela, conforme os estudantes pedem ajuda, são grandes exemplos de que o uso da avaliação como instrumento de poder, seja ele pela professora ou por seus responsáveis, é um dos caminhos pertinentes para o fracasso escolar.

Quando os discentes sabem que terão pontos descontados caso haja alguma dúvida, naturalmente deixarão de aproveitar aquela oportunidade para solicitar a mediação da professora e também de diagnosticar o que ainda não aprenderam. E por outro lado, quando alguns lembram que serão punidos fisicamente em casa se tirarem notas baixas, a preocupação maior continuará sendo a nota, e não o conhecimento. Mas por outro lado, posso afirmar que esse tipo de atitude já lhes permite questionar algumas de suas práticas.

Para minha surpresa, e também para meu alívio, as crianças presentes no diálogo não veem a possibilidade de haver uma escola sem avaliações, por a associarem ao aprendizado. Pessoalmente, fiquei muito aliviada em saber que elas possuem noção da importância do processo avaliativo para a aprendizagem de cada uma delas. Em contrapartida, me trouxe agonia ouvir novamente que *a nota leva ao esforço*.

Gostaria também de trazer atenção para o momento em que, ao se dispersarem durante a dinâmica e eu tomar a atitude de buscar o foco delas, uma delas me fez a sugestão de que eu utilizasse algum poder que tinha sobre eles, já que estava no momento como mediadora do diálogo e, com isso, regular a fala deles. Essa postura me permite observar que o professor continua sendo visto pelo aluno como uma figura superior e detentora de poder.

Trazendo para análise as respostas sobre o que diriam à professora com relação às avaliações, acho fundamental que reflitamos que o processo avaliativo continua não sendo prazeroso para nossos estudantes, especialmente para os que não alcançam notas boas. E particularmente concordo com eles: quem gosta de sentar-se para realizar uma avaliação longa, cansativa e que passará por algumas mãos e que nos rotulará com uma nota?

Também fiquei muito tocada com as falas dos estudantes, onde apontaram as diferenciações feitas pela professora entre os alunos que tiram notas altas, os que tiram notas medianas e os que tiram notas baixas. Apontamentos como estes nos fazem elevar a tese de que a avaliação é posta como uma espécie de obstáculo na escola.

Coloco aqui como um de meus desejos despertados também por essa monografia, de que todos que tenham a oportunidade de lê-la, consigam de alguma forma, levantar com mais frequência debates não somente dentro de sala de aula, mas também fora dela, de que esse tipo de discriminação que é comum entre alguns professores, mexe com a autoestima e desempenho dos estudantes.

Reforçando também uma fala minha feita anteriormente, não podemos colocar o professor na postura de vilão. Como qualquer educador, a professora regente destes alunos também possui erros e acertos. E alguns desses acertos foram lembrados por João, que agradeceu pelas escolhas positivas feitas por ela.

Deixo aqui também uma reflexão que fiz imediatamente ao sair da escola após a pesquisa: que bom que lembrei de também me colocar na posição de avaliada. Além de fazer a diferença em minha monografia, reforçou as diversas falas que fiz durante este trabalho, de que o professor precisa constantemente estar aberto a avaliar suas práticas. Tenho certeza de que viram este meu objetivo de auto-avaliação com muita humildade.

Também pude perceber a satisfação deles em realizar a avaliação da dinâmica que ali foi feita, em função da forte presença de falas de que todos ali tiveram espaço para serem ouvidos, de falar o que pensam a respeito do processo avaliativo, abertamente. Assim como também colocaram sobre o andamento do diálogo ali realizado, classificando-o como divertido, já que permitiu interação.

Acho também válido ressaltar que, apesar da grande distância entre épocas em que fui estudante do Ensino Fundamental, especialmente no 5º ano, os participantes da roda, incluindo a mim, possuem muitas observações semelhantes a respeito da escola: quando trazem as diferenças de tratamento recebidas de acordo com as notas, e conseqüentemente, a hierarquização e classificação através da nota; a exposição que ocorre em alguns momentos em sala de aula, já que as notas são dadas oralmente; o medo de ser visto como o aluno “ruim” não somente na escola, mas também em casa; e quando possuem o sentimento de gratidão pelos professores que marcaram e continuarão marcando suas trajetórias positivamente.

CONCLUSÕES

Neste capítulo, finalizo não somente minha pesquisa de campo, mas todo este trabalho monográfico muito satisfeita, pois durante sua execução, fui me recordando de diversos pontos por mim citados na construção da monografia. Nele pude ver um pouquinho de mim em cada um dos capítulos. Além disso, a metodologia escolhida por mim também possibilitou o sucesso que obtive em meu diálogo com as crianças. Acho que se tivesse optado por outro tipo de metodologia, ele poderia não ter obtido resultados tão satisfatórios.

A partir das informações levantadas nesta pesquisa, podemos concluir que realmente é pouco exposto na escola sobre a pluralidade de tipos de avaliações que existem. Com base nas apresentações dos tipos de avaliações que fiz na primeira parte do segundo capítulo, podemos concluir que as crianças participantes do grupo focal possuem avaliações tanto formativas, quanto somativas.

No que diz respeito às formativas e com base nas colocações feitas pelas crianças, podemos ver que suas marcas não são muito positivas, já que a professora não as utilizava para trazer equilíbrio à sala de aula. O que vemos de mais marcante com relação a esse tipo de avaliação é o fato dessas crianças possuírem avaliações que são aplicadas continuamente.

No que tange à avaliação somativa, vemos que é predominante no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes participantes da pesquisa, pois se apresenta de maneira extremamente classificatória e disciplinadora, já que são constantemente qualificados através de notas. Os relatos feitos sobre as práticas da professora, como: tirar pontos conforme solicitam auxílio na realização de um teste; tratar melhor as crianças que tiram notas altas, ignorar os que tiram notas consideradas na média e criar penalidades para os que tiram notas baixas, não os incentivando; dar uma carga alta de avaliações e conteúdos e proceder de maneira injusta nas cobranças.

As falas dessas crianças demonstram a urgência que possuem em realizar avaliações formativas, para que possuam uma aprendizagem mais facilitada e que consigam fornecer pistas para que esta professora tome as decisões mais indicadas individual e coletivamente. Esses estudantes, assim como todos, carecem de uma expansão da aprendizagem e de saberem seu real valor não somente como marca

escolar, mas também como marca social, e não somente de tirar notas altas, e tão pouco de limitações e segregações dentro e fora da escola.

Entendo que é natural termos mais prazer em realizar avaliações relacionadas a temas e áreas do conhecimento com as quais temos maior familiaridade. Mas esse prazer seletivo não é o suficiente. Esta pesquisa nos permite ter certeza da necessidade de fazermos com que o processo avaliativo seja prazeroso em todos os sentidos para os estudantes. De fazer com que também seja agradável avaliarmos nossos conhecimentos nas áreas com as quais não tenhamos muita identificação, afinal todos os conhecimentos são importantes.

Com isso, podemos observar que nós, educadores, precisamos correr contra o tempo para questionar nossas práticas e buscar modos de fazer com que a avaliação seja libertadora para todos os que passam pela escola, sejam eles crianças, jovens ou adultos. Trago como um dos maiores desafios, o de modificar a qualificação que hoje é feita no espaço escolar para uma qualificação acolhedora, visto que algumas vezes acabamos repetindo práticas tradicionais que pudemos vivenciar enquanto discentes, caindo em armadilhas durante o processo avaliativo e transformando-o em um levantamento de prestação de contas com o aluno.

É importante naturalizar o processo avaliativo para os estudantes, apontando sua presença natural em diversos âmbitos de suas vidas. Lembrando também que, mesmo quando fazemos escolhas que não são tão adequadas, também aprendemos com elas, e fazemos desses aprendizados, pontos de partida para a tomada de decisões futuras. Discorrendo também, que o foco não é vencer um instrumento avaliativo, mas aproveitá-lo em todas as circunstâncias possíveis, mesmo que não tenhamos o resultado esperado.

Aproveito para enfatizar também nessa conclusão, a posição espetacular que o professor ocupa diante do processo de ensino-aprendizagem: a de mediar o mais lindo caminho que temos na vida: de proporcionar reflexões, sucessos, novos e diferentes caminhos e escolhas.

Falas como as de João, que são repletas de gratidão com relação às escolhas positivas feitas por sua professora regente, nos indicam a essencialidade da figura do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem de cada um dos estudantes neste mundo. Pessoalmente, me encham de esperança, ao lembrar que é possível fazermos a diferença na caminhada de cada um dos estudantes que passam por nós.

Presenteio novamente meus leitores com mais algumas contemplações que Paulo Freire nos possibilita. As crianças participantes do grupo focal possuem uma das mais importantes consciências que devemos ter: a magnitude de desatar nós dentro do espaço escolar através do diálogo, para que se possa conhecer coletivamente, professor e aluno, juntos.

O fato de ter entrado em sala de aula trajada de humildade, enfatizando que estávamos ali reunidos para fazermos trocas instigou uma maior participação das crianças. Ironicamente, lembrar que aquela dinâmica não valia nota, e que não era composta por respostas certas ou erradas, também fez a diferença no resultado, pois fez com que elas me trouxessem respostas de cunho genuíno e sincero.

Minha monografia me proporcionou a experiência de pensar um outro possível: transformar um pouco aquele espaço e aquelas relações. Também me permitiu confirmar o que tanto ouvi de alguns professores durante minha trajetória como estudante: é imprescindível nos questionar de forma a acolher não somente nossos acertos, mas também nossos erros.

Reforço aqui que nunca foi a intenção deste trabalho banalizar os conteúdos escolares. E sim, colocar que estes podem estar cada vez mais unidos à realidade de cada um dos estudantes que são parte do espaço escolar.

Beneficio-me novamente da minha fala de que *não coloco a prática libertadora na posição de quem salvará a educação de todos os problemas que possam vir, ou que uma avaliação libertadora acabará completamente com as práticas excludentes na escola*, citada na terceira parte do segundo capítulo. E ressalto que o papel da avaliação deve ser ressignificar múltiplos conhecimentos.

No que diz respeito à busca pelo esclarecimento no papel do professor e em como suas práticas afetam ou não na relação professor e aluno e no processo de ensino e aprendizagem, concluo que é inquestionável a confirmação que impacta em todo o cotidiano escolar, especialmente, em todo o processo.

A abordagem da professora regente em opinar que eu não deveria dar liberdade aos estudantes, e minha escolha em não acatar totalmente sua sugestão, me fez perceber o quanto essa liberdade que lhes dei desde o processo de inscrição para participar da atividade, até sua finalização, implicou em todo o sucesso.

Tê-los deixado à par de todo o funcionamento da dinâmica e promover combinados, fez com que se sentissem parte dela de forma efetiva. Fez com que se entregassem mais ao momento, e que conseguissem aproveitar ao máximo aquela

dinâmica, que também lhes trouxe muitos aprendizados de forma leve. Não deixou de também ser uma atividade avaliativa, já que estávamos ali para dialogar como avaliamos o processo avaliativo que eles possuem naquela instituição, especialmente com aquela professora.

O momento em que lhes questionei como se sentiam com relação ao processo avaliativo também possibilitou minha percepção de que trazer o lado humano de cada um daqueles indivíduos pode ser uma grande ferramenta aliada do professor, que pode identificar as particularidades e demandas de cada um de seus discentes, para melhor conseguir ajudá-los em suas dificuldades. Talvez falte um espaço maior para essas conversas no cotidiano escolar.

Mas em suma, como podemos proporcionar essa avaliação libertadora no espaço escolar? Respondo: buscando ouvir mais cada um dos estudantes, aplicando avaliações menos conteudistas e longas, fazendo do espaço escolar um ambiente de inclusão, especialmente para aqueles que demandam ações com um olhar mais acolhedor, seja por apresentarem dificuldades na trajetória escolar ou por possuírem questões de caráter pessoal que também acabam afetando na caminhada, e principalmente, fazer da escola um lugar marcado pelo diálogo amoroso.

Diálogo esse que não fere, que não julga, que possibilita trocas, que é horizontal, capaz de formar indivíduos para viver plenamente numa sociedade respeitosa, que aprende com os erros, que aponta novos caminhos, que atende expectativas, e que nos traz a maior das oportunidades de construir a escola dos sonhos.

Assim, concluo este trabalho esperando ter tocado a cada um de meus leitores, provocando-lhes questionamentos, sendo eles da área da educação ou não, já que, como expus anteriormente, a avaliação faz parte da nossa vida, e é nos questionando como pessoas que poderemos fazer nossas melhores escolhas para a sociedade que tanto queremos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Regilson Maciel. Avaliação educacional: caminhando pela contramão. Revista de Educação. PUC-Campinas [en línea]. 2010, (28), 131-133.

ESTEBAN, Maria Teresa. A avaliação no cotidiano escolar. In:_____. Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L (Org.). Método: pesquisa com o cotidiano. RJ: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEITÃO, Inês Chagas. Os diferentes tipos de avaliação: avaliação formativa e avaliação sumativa. FCSH: DF - Dissertações de mestrado, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar? Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.

RESSEL, Lúcia Beatriz. et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. Texto Contexto, Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.